



Revista  
de Psicologia

ISSN 2179-1740

## APREENSÃO DAS ZONAS DE SENTIDO DA ATIVIDADE DE TRABALHO DA DIARISTA

APPREHENSION OF THE ZONES OF SENSE CONCERNING THE DAILY HIRED FEMALE  
HOUSEKEEPERS' WORK ACTIVITY

Kamilla Sthefany Andrade de Oliveira<sup>1</sup>

Pedro Fernando Bandassolli<sup>2</sup>

Tatiana de Lucena Torres<sup>3</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o processo de significação da atividade de trabalho de diaristas. Doze entrevistas semiestruturadas foram realizadas e suas narrativas foram sistematizadas pela técnica de núcleos de significação. Os resultados indicam a organização de tais narrativas em seis núcleos, cujos conteúdos se articulam. Eles compreendem aspectos relacionados: (1) à história de vida das diaristas, em particular a escolha dessa atividade; (2) aos relacionamentos no contexto de trabalho, revelando zonas de sentido que dizem respeito à instabilidade e ambivalências, em especial com seus pares e tomadores de serviço; (3) à dimensão da autonomia e liberdade nessa ocupação; (4) ao objetivo e as fontes de sentido da atividade (seu porquê); (5) à precariedade e incerteza, refletindo as marcas do trabalho informal; (6) às dificuldades na realização da atividade, bem como o processo de criação e utilização de estratégias de enfrentamento ou de instrumentos e ferramentas necessárias para execução do trabalho. As diaristas compartilham uma história de trabalho infantil, demarcada por uma rotina de trabalho intenso, um labor diversificado, precário e instável, que proporciona sua sobrevivência e o enfrentamento de situações cotidianas que lhes exigem criatividade, flexibilidade e adaptação.

**Palavras-chave:** Palavras-Chave: Trabalhadoras domésticas; diaristas; processos de significação; teoria da atividade.

### Abstract

This article analyzes the process of signification of daily hired housekeepers' work activity. Twelve semi structured interviews were carried out and their narratives were systematized through the meaning cores technique. The results indicate that the narratives were organized within six articulating cores. They comprehend aspects related to: (1) the women's life story, particularly the choice of said activity; (2) work environment relationships, revealing zones of sense that concern instability and ambivalence, specially towards their peers and employees; (3) the dimension of the autonomy and freedom inherent to this occupation; (4) the activity's objective and sources of meaning; (5) the precariousness and uncertainty, reflecting the traits of informal labor; (6) the difficulties regarding the performance of the activity, as well as the creation process and utilization of coping strategies, or instruments and tools required to execute the work. The daily hired female housekeepers share a history of child labor, marked by an intense diversified work routine that enables their survival and coping with daily situations that demand creativity, flexibility and adaptation.

**Keywords:** Housekeepers; daily hired housekeepers; processes of signification; activity theory.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia/ PpgPsi, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. Email: millasthefany@gmail.com. Endereço: Avenida Capitão Mor Gouveia, nº 4987, Bairro: Lagoa Nova, Conjunto Potilândia.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. Email: pbendassolli@gmail.com

<sup>3</sup> Professora Doutora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Email: ttorres2@gmail.com

No Brasil, o trabalho doméstico guarda vínculos simbólicos e funcionais com a escravidão (Santos, 2010), na medida em que sua história remonta ao período colonial, tendo como primeiras referências mulheres que realizavam atividades domiciliares, tais como amas de leite, criadas e mucamas (Monticelli, 2013). Após a abolição, os homens negros começaram a adentrar o mercado de trabalho; enquanto isso, as mulheres livres tornaram-se trabalhadoras domésticas remuneradas, agregadas de família, ou criadas (Bernardino-Costa, 2007), as quais pouco se distinguem de escravas (Santos, 2010). Nesse cenário, ocupavam atividades de babás, cozinheiras, arrumadeiras e lavadeiras (Monticelli, 2013).

Por volta das décadas de 1960 e 1970, as empregadas representavam mais de um quarto da força de trabalho feminina, com uma demanda em elevada expansão (Bruschini & Lombardi, 2000). Contudo, sofriam com a estigmatização e desvalorização de sua atividade. Isso podia ser verificado pelos salários baixos, extensas jornadas de trabalho e pelo caráter informal e desassistido da profissão (Santos, 2010). É nesse mesmo período que o tema do serviço doméstico desperta o interesse do universo acadêmico. Neste particular, merece destaque a obra de Heleieth Saffioti, "Emprego Doméstico e Capitalismo" (1976). Desde então, a produção sobre o tema tem crescido (Brites, 2013).

O trabalho doméstico é definido pela prestação de serviço de natureza contínua, não lucrativo, a indivíduos ou à família no âmbito residencial destas (Bernardino-Costa, 2007). Nessa ampla categoria podem ser incluídos, apenas para citar alguns exemplos, cozinheiro(a), governanta, babá, lavadeira, faxineiro(a), vigia, motorista particular, jardineiro(a), acompanhante de idosos(as) (Ministério do Trabalho e Emprego, 2017). Mais restrita, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) define os trabalhadores domésticos como os que preparam alimentação, cuidam de vestuário, fazem faxina ou arrumação, podendo cuidar de plantas do ambiente interno e de animais.

É dentro desse universo mais amplo do trabalho doméstico que se insere a atividade da diarista, cuja ocupação apresenta uma tendência de aumento expressivo em relação ao número de empregadas domésticas (Prisco, Carvalho & Gomes, 2013), em especial nos grandes centros metropolitanos. Trata-se de um trabalho caracterizado como de prestação de serviços por até dois dias por semana para um mesmo contratante, sem caracterizar vínculo empregatício – sem normatizações legais, consistindo em um trabalho autônomo e de sobrevivência (Bernardino-Costa, 2007).

Apesar de as diaristas desempenharem funções idênticas às empregadas domésticas, sua condição no mercado informal não lhes possibilita usufruir dos mesmos direitos estendidos recentemente às empregadas domésticas (Prisco, Carvalho & Gomes, 2013), na esteira da aprovação da lei complementar nº 150, de 1º de junho de 2015. Após essa lei, as empregadas domésticas passaram a ter diversos direitos sociais e trabalhistas garantidos. Porém, essa mudança no regimento legal não incorporou as diaristas, que seguem como categoria profundamente vulnerável (Brites, 2013).

Há quem se proponha a discutir as vantagens e desvantagens do trabalho da diarista. Dentre os aspectos que evidenciam vantagens, é possível citar a autonomia para administrar a prestação de serviços, de escolher para quem desejam trabalhar, além dos dias e horários mais "convenientes" (Monticelli, 2013). Por outro lado, desvantagens notórias incluem aspectos como a falta de seguridade social e a falta de compensação financeira em casos de doenças e acidentes (Iriart, Oliveira, Xavier, Costa, Araújo & Santana, 2008).

Ademais, é importante destacar que o trabalho da diarista é abarcado dentro da economia dita informal, além de ser desenvolvida essencialmente por mulheres. Consiste, pois, de uma atividade com viés de gênero, abarcando não apenas aspectos demográficos (maior número de mulheres), mas também a própria qualidade do trabalho realizado (Bruschini & Lombardi, 2000). Em segundo lugar, e este é um fenômeno recente com múltiplas implicações, trata-se de uma categoria em envelhecimento, tal como descrito, notadamente, em trabalhos como os de Prisco, Carvalho e Gomes (2013) e Brites (2013).

Este artigo, derivado de pesquisa empírica, visa contribuir para a compreensão do trabalho das diaristas no âmbito específico da psicologia do trabalho. Em específico, toma como referência para a análise da atividade da diarista os processos de significação envolvidos em sua relação com o trabalho. Seu objetivo consiste em descrever as características que permeiam o processo de atribuição ou construção de significados nessa forma particular de trabalho, levando em conta a compreensão da atividade concreta realizada pela diarista. Antes de descrevermos o método adotado no estudo, apresentamos uma breve síntese sobre o conceito de significado aqui utilizado.

## Sentido, significado e atividade

Uma distinção importante no âmbito do processo de significação diz respeito às concepções de sentido e

significado. Tal distinção remete a Vygotsky, para quem "(...) o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência [...] O significado é [...] uma zona mais estável, uniforme e exata (Vygotsky, 2001, p.465)". Com base nessa diferenciação, o sentido pode ser definido como um acontecimento semântico particular, dinâmico, complexo, associado aos processos mais amplos de significação social (Barros, Paula, Pascual, Colaço & Ximenes, 2009).

Este estudo, em termos gerais, busca seguir essa distinção inicialmente proposta por Vygotsky e então ampliada nos estudos sobre sentidos e significados do trabalho, em particular tomando o trabalho informal como pano de fundo (Bendassolli, & Coelho-Lima, 2015). Ambos, sentidos e significados, são aqui entendidos como uma unidade indivisível mediada pela atividade concreta realizada pelo sujeito, no que incorpora a influência das diversas tradições da teoria da atividade (Bendassolli, 2012). A atividade é uma forma de mediação entre o sujeito e seu ambiente, em cujo decurso ele ao mesmo tempo apropria os significados (sociais) disponíveis – sobre o objeto da atividade, sobre as formas mais apropriadas de lidar com ele, e sobre o resultado esperado – mas também externaliza ou disponibiliza novos sentidos.

Nesse contexto, o conceito de mediação é de vital importância. Ele foi igualmente elaborado por Vygotsky (2001), notadamente na proposição de seu esquema tripartite da atividade, na qual se situam o sujeito objeto, ambos sendo mediados pelo que Vygotsky denominou de ferramentas, entre elas os signos (linguagem). Nas teorias da atividade, coube a autores como Leontiev (1978) ampliar a compreensão do papel das mediações na atividade de trabalho. Mais recentemente, ainda no âmbito das teorias da atividade, Engeström (1987) propõe uma ampliação do modelo tripartite, incluindo outras formas de mediação sujeitoobjeto.

Para Engeström (1987), a atividade é uma formação coletiva, sistêmica, que possui uma estrutura mediadora complexa. Destacam-se, em particular, o papel mediador da comunidade (conjunto de pessoas compartilhando uma mesma atividade); das regras e normas referentes a uma atividade em particular; da forma como o trabalho é dividido, em termos de tarefas e papéis; e a mediação por ferramentas propriamente ditas (como os instrumentos de trabalho e o uso da linguagem. Nessa perspectiva, o processo de significação deriva do modo como todo o sistema de atividade, composto por esses diversos elementos, é colocado a serviço da transformação de um objeto (ou de outras pessoas) com vistas ao alcance de determinados resultados.

A pesquisa que deu origem a este artigo está baseada em referencial teórico que tem, como ponto de partida, a compreensão do papel da atividade na produção de sentidos e significados, isto é, elementos ao mesmo tempo pessoais e sociais que são colocados em movimento e igualmente produzidos na medida em que uma pessoa se engaja em um processo de transformação de um objeto. No caso da diarista, ou, mais genericamente, do trabalho doméstico, esse "objeto" pode referir-se à "casa" que precisa ser cuidada, e às pessoas que a compõem. O ponto central, para retomar nosso objetivo, é entender os elementos do sistema de atividade da diarista que contribuem para a mobilização e construção daqueles sentidos e significados. Nosso propósito é de que, ao ter acesso a esses elementos, podemos igualmente ter acesso ao modo de fazer cotidiano dessa atividade, seus desafios, dilemas e formas de enfrentamento por parte da trabalhadora em questão.

## MÉTODO

### Participantes

O público-alvo desta pesquisa consistiu de trabalhadoras domésticas, na modalidade de diaristas, recrutadas por meio de seus cadastros ativo do Sistema Nacional de Empregos/SINE, em uma das regionais localizadas no nordeste brasileiro (Natal-RN). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade a que se vincula, conforme registro número 51836315.6.0000.5537.

Primeiramente, foi solicitada a anuência do SINE para a execução da pesquisa, bem como autorização para o manuseio do banco de dados dos profissionais autônomos em questão. Então, de posse da lista cadastrada no referido banco de dados, procedemos com a abordagem aos participantes, a qual ocorreu via contato telefônico, quando então o pesquisador se apresentava, bem como os objetivos da pesquisa e forma de participação. Se o interesse da pessoa fosse positivo, era então agendada uma melhor data para a realização da entrevista, a qual ocorreu no próprio estabelecimento do SINE. Considerando o critério de saturação de informações tal qual sugerido por Guba e Lincoln (1994), o número final de participantes foi de 12 diaristas. A Tabela 1, a seguir, apresenta as principais características sócio-demográficas dos participantes.

Como é possível observar, as participantes deste estudo são todas do sexo feminino; as mesmas estão numa faixa etária que varia do final da meia idade para a velhice, com tendência de aumento, haja vista o

processo de transição demográfica brasileira. Além disso, apenas uma ingressou no ensino médio – embora inconcluso. A despeito de o SINE estabelecer que as diaristas devam permanecer nove horas na casa do usuário, sendo oito horas de trabalho e uma hora de almoço, todas elas alegam não conseguir retirar uma hora de almoço, bem como excedem a carga horária destinada ao trabalho, o que reflete a indefinição de direitos e deveres dessa atividade.

## Procedimento de acesso às informações

A técnica de investigação utilizada foi a entrevista individual semiestruturada, as quais foram gravadas e transcritas, com duração entre uma hora e duas horas e vinte minutos cada uma. O instrumento utilizado teve sustentação na base teórica relativa ao processo de significação apresentada na introdução. Em particular, foram considerados os elementos que integram o modelo do sistema de atividades de Engeström (1987). Primeiramente, a entrevista era iniciada solicitando a cada participante que relatasse brevemente sua história profissional. Aqui, o foco do pesquisador era compreender, minimamente, os fatores associados à entrada nessa atividade profissional. Então, era solicitado para que o participante relatasse sua atividade, nos termos mais concretos possíveis – por exemplo, abordando como era sua rotina de trabalho, quais ações eram desempenhadas e porquê, seguindo os elementos do modelo de Engeström.

Assim, à medida em que a fala do participante se desenvolvia, o pesquisador, conforme o caso, tinha à sua disposição elementos do modelo que poderiam, então, ser utilizados no processo de diálogo com o participante – por exemplo, referente a instrumentos, procedimentos, regras do trabalho (informais e formais), referências a uma visão de coletivo de trabalho (a dimensão da comunidade de trabalho), e aspectos relativos às significações, isto é, aos sentidos e significados mobilizados ou acionados, na fala do participante, referente à sua atividade (seus motivos, seus propósitos, as razões relacionadas à sua realização, os aspectos pessoais – projetos pessoais – envolvidos, por exemplo).

## Procedimento de análise dos dados

Foi empregada a técnica de análise de núcleos de significação como forma de organizar os conteúdos provenientes das entrevistas, que tinham, como aludido anteriormente, a atividade concreta como ponto de partida. Tal técnica é descrita por Aguiar e Ozella (2006); Aguiar e Ozella (2013); e Aguiar, Soares e Machado (2015). Essa proposta de análise e de

interpretação dos dados valoriza a narrativa como instrumento de mediação permitindo o acesso aos significados e sentidos produzidos pelas pessoas – no caso desta pesquisa, por diaristas em relação à sua atividade. Operacionalmente, cada entrevista foi lida separadamente, seguindo as três etapas previstas nessa técnica, a saber: (1) leituras recorrentes e seleção de pré-indicadores (conteúdos ou temas que aparecem com maior frequência e que, dada a importância pelo entrevistado, apresentam carga emocional, ambivalências ou contradições em relação a um tópico em particular); (2) Articulação dos pré-indicadores em indicadores (que já implicam em redução de dados, isto é, em número mais restrito, elaborados com base em aspectos tais como complementariedade, semelhança ou contradição de sentidos); e, (3) Aglutinação dos indicadores em núcleos de significação propriamente ditos (unidades mais “densas” de significados/sentidos, desempenhando papel aglutinador/organizador das narrativas construídas ao longo das entrevistas).

## Resultado e discussão

A partir da análise empreendida foram identificados seis núcleos de significação (NS), os quais possuem conteúdos temáticos que se articulam. De acordo com as instruções dessa técnica, os núcleos são apresentados valendo-se de expressões-chaves utilizadas pelos próprios participantes – no presente caso, por diaristas. Os NS capturam as significações mobilizadas nas narrativas construídas por cada participante em relação à sua atividade. A tabela 2 sintetiza cada um desses núcleos, bem como a dimensão da atividade a qual cada um está atrelado.

O primeiro núcleo (NS1) pode ser capturado pela ideia de que *“Minha vida é essa: eu vivo só para trabalhar”*. Tal núcleo versa sobre as histórias de vida das diaristas, levando em consideração os principais momentos de sua trajetória profissional, em particular a opção por essa atividade de trabalho.

Em geral, o trabalho infantil aparece como motivo para o início nessa atividade, cumprindo a função de ajudar a família na luta pelo sustento e sobrevivência. Como consequência, é comum identificar o baixo investimento nos estudos. A maioria possui baixo nível de escolarização, o qual parece vir associado a sentimentos como arrependimento ou culpa, conforme podemos observar nas menções a seguir.

“Eu passo o dia todo pensando: meu Deus, se eu soubesse, eu tinha estudado, ralado,

para não estar aqui hoje, mas fazer o quê? Meus pais não tinham condições de me educar” (D1).

“Desde os 10 anos de idade que trabalho nesse ramo, fui moça... e continuo na mesma luta (...) Aos 10 anos eu trabalhava com minha mãe. Ela lavava e eu passava” (D4).

É possível perceber que a opção por esse ramo de trabalho em D4 está vinculada à influência materna; e, em D1, à falta de escolarização. Por detrás desses motivos, há um fator em comum: melhorar a condição financeira e material da família. Ademais, a constituição de uma vida familiar é algo destacado como estando na base da busca de emprego, já que a renda individual ou familiar não era suficiente para criar e sustentar os filhos em suas necessidades básicas. As narrativas em D2 e D11, evidenciadas nos trechos a seguir, exemplificam a vida marcada pelo sofrimento e pela necessidade de suprir demandas básicas.

“(...) eu fui mãe muito cedo, então não tinha opção, ou eu optava para criar meu filho ou dava ele (...) criei meus filhos assim trabalhando como diarista, trabalhava durante o dia e a noite estava em casa (...) meu rapaz como foi criado com sofrimento, que eu dormia em calçada, eu morei em baixo de pé de pau, cheguei a pedir esmola para criar meu filho que era muito doente. Antes de chegar até aqui, até eu arranjar esse trabalho de diarista e depois desse trabalho tudo na minha vida mudou” (D2).

“(...) já que eu tenho meus dois filhos, eu já trabalhei em forno de lixo... pra não chegar na casa de papai e mamãe e dizer assim: compre uma bolsa de leite, me ajude aqui nesse aluguel...” (D11)

O que conseguimos depreender desses exemplos é que escolaridade, renda e opção pelo trabalho estão mutuamente relacionados e implicados um ao outro. A escolaridade influencia a opção pelo trabalho de diarista, e este se sustenta na falta de recursos e renda para financiar uma melhor escolarização que suprisse a busca por outras oportunidades de trabalho.

O NS2, representado pela ideia de que “*eu sobrevivo daquilo ali!*”, versa sobre as significações sobre a própria atividade realizada. Em primeiro plano, reforçando aspectos do núcleo anterior, destaca-se a relação entre o trabalho e seu propósito como gerador

de remuneração, como fonte básica de sustento: “*É um trabalho bondoso, pois todo dia você ganha um dinheirinho para comprar o pão pra o seu filho*” (D1).

Mas, nessa nucleação de teor moral sobre o sentido do trabalho (algo “bom”), há também o reconhecimento de sua demanda por esforço, aqui simbolizado pela palavra “*puxado*” (D1, D8, D11). Quer dizer, trata-se de trabalho percebido com árduo e exigente, alternando, paradoxalmente, a submissão, de um lado: “*ou aguenta ou não trabalha*”, (D1), e a sensação de autonomia e liberdade, de outro: “*não somos obrigadas a ir para aquela casa quando não gosta*” (D7).

Imersas nessa atividade de trabalho, as diaristas revelam significados bem particulares quanto aos seus relacionamentos com os tomadores de serviço. É assim que se apresenta o NS3, capturado pela ideia de que “*Nem todos os lugares são iguais e nem todas as patroas são iguais*”. Aqui se evidenciam os sentidos relativos às fronteiras que existem no interior do próprio espaço de realização da atividade: a “casa”, bem como aos relacionamentos ali desenvolvidos. A casa como objeto de trabalho é também a casa como espaço da família que a incorpora, paradoxalmente como membro e como estranho. Na fala a seguir, o retrato do lado “incorporante” na unidade familiar.

“Assim... nós não somos como a patroa e empregada, é como ela diz: somos amigas, a gente come na mesma mesa” (D2).

Contudo, os relacionamentos mantidos no “contexto de trabalho” são acompanhados de controvérsias, pois sentir-se em casa, ou se ver como membro da família, revela, ao mesmo tempo, reflexos do clientelismo, da cordialidade, e do patriarcado brasileiro (Santos, 2010). As práticas caritativas, também presente em algumas narrativas, poderiam ser interpretadas como complemento e substituição de uma parte da remuneração, ou como ganho adicional (Ribeiro, 2014). Na mesma linha, para Saffioti (1978), esse tipo de comportamento por parte da “patroa” pode ser descrito como uma tentativa de agradar a empregada, com intuito de criar um clima afetivo no local de trabalho, o que pode permitir a solicitação de favores fora das atividades que foram acordadas e do horário de trabalho estabelecido.

Nesse contexto, os riscos de acidente no trabalho doméstico, por exemplo, são vistos como “normais”, já que as diaristas realizam atividades em ambientes residenciais, em que a casa é vista como um local seguro, diferente de empresas e indústrias. No âmbito doméstico, as diaristas responsabilizam-se pelos acidentes, uma vez que poderiam acontecer em suas próprias casas; isto é, o ambiente de trabalho é visto

como extensão de sua própria casa (Iriart, et. al., 2008).

Há também as significações relativas a outros relacionamentos que compõe o elemento da divisão do trabalho. A relação que as diaristas mantêm com seus “pares” (em específico, as empregadas domésticas) requer muitas precauções, pois ocorre de algumas vezes as empregadas domésticas transferirem suas responsabilidades para as diaristas, ou mesmo se colocarem em relação de superioridade face às primeiras, conforme é possível observar no trecho a seguir: *“as próprias empregadas querem ser maior que as patroas”* (D2). Outra diarista adiciona: *“há uma diferença entre as diaristas e domésticas; hoje se exige mais da diarista do que da doméstica... a doméstica faz todo dia um pouquinho”* (D9). Por fim, por conta em parte desse relacionamento tensionado entre diaristas e empregadas, ou, principalmente, da pura ausência de relacionamento – quando não há outras trabalhadoras no local, emerge um sentimento de trabalho solitário, de tristeza, o qual se soma ao cansaço físico inerente à própria atividade.

O NS4 captura as significações relacionadas ao objeto da atividade da diarista – à sua finalidade, à razão por detrás de sua execução. Essa é uma dimensão importante do processo de significação, pois implica em a pessoa confrontar-se com aquilo que supostamente coloca a necessidade pela atividade em questão (Leontiev, 1978). Esse aspecto é capturado pela ideia central de que *“a gente vai trabalhar pensando em fazer as coisas bem feitas”* (D10). Em específico, é possível identificar três variações sobre os critérios ou elementos utilizados para significar o trabalho final e sua qualidade: primeiro, quando o ‘patrão’ fica satisfeito; depois, quando a diarista considera o resultado final (a casa em ordem, tudo limpo e organizado); e, por fim, na concretização da transação econômica, isto é, no momento de receber o pagamento. Os trechos a seguir são bastante emblemáticos sobre esses elementos:

*“quando eu deixo ela satisfeita eu saio satisfeita. Pra mim ficou perfeito”*(D1)

*“(...) e vejo que ali ficou limpo, parece que estou limpando minha alma”* (D11).

*“você chega, trabalha, recebe seu dinheiro”* (D9).

Como a atividade, qualquer que ela seja, está inscrita em um contexto mais amplo no qual ela se desdobra (Engestrom, 1978), o próximo núcleo lida com os significados do fazer da diarista levando-se em conta sua inscrição social mais ampla, na qual se encontra o

próprio trabalho informal (Bendassolli & Coelho-Lima, 2015). As diaristas percebem, a seu modo, esse contexto, e o ilustram com a ideia de que *“não queria ser aquela diarista solta e irreconhecível”* (D7) – aqui usado para descrever o NS5, remetendo à ideia de se viver num “limbo social” – o que se soma ao já apresentado anteriormente, sobre o reconhecimento. A dimensão da precariedade e da incerteza está presente no seu modo de significar sua condição:

*“Não é um emprego fixo porque um emprego fixo você tem um salário fixo. Não tem segurança. Você não trabalha de carteira assinada, então você não tem direito a nada... pronto, se eu cair doente eu não tenho direito de receber... Hoje eu posso ir lá e amanhã posso ser dispensada... Não é como ter um emprego fixo que você tem carteira assinada, tem direito a auxílio doença, perícia, abono familiar, você tem direito ao atestado, você tem todos os direitos”* (D2).

Contudo, mais uma vez a ambiguidade se faz presente, na medida em que essa percepção de precariedade e de se “estar solto” é combinada com o discurso da autonomia, da sensação de que, ao ter muitos ‘patrões’, não se tem nenhum, reforçando aspectos já apresentados no NS4. O trecho a seguir ilustra esse aspecto:

*“Eu prefiro diarista porque todo dia é uma casa diferente. Não tem elo pra nenhum dos dois, nem um lado, nem outro”* (D9).

Contudo, questões permanecem em aberto, notadamente as relacionadas à temporalidade: se, como dito na introdução, a questão do envelhecimento está, evidentemente, sempre presente, o ponto que se levanta refere-se às garantias futuras. Além de estarem imersas no trabalho informal e, muitas vezes, invisível, as diaristas em questão não contribuem autonomamente para a previdência. A invisibilidade se projeta no próprio arranjo institucional, conforme o trecho a seguir aponta.

*“No início eu fazia o cadastro no INSS como autônoma pra pagar o comprovantezinho do INSS, aí, no início tinha colocado como diarista, mas o rapaz lá falou que, perguntou o que eu fazia... ai ele disse que não era diarista, era faxineira, porque diarista é só um nome bonito que inventaram...”* (D9).

Por fim, o NS6, capturado pela ideia de que “*não tem mais o braço forte, aquela força*”, envolve indicadores relativos a dificuldades na realização da atividade, mas também o processo de significação implicado na criação e utilização de estratégias de enfrentamento, bem como no uso de instrumentos e ferramentas. Quanto às dificuldades, a primeira envolve a falta de reconhecimento, como se apreende neste trecho: “*Ainda tem gente que não reconhece o que você faz... e tem que aguentar (...) Então mexe muito, mexe muito com a cabeça da gente*” (D1).

Outra dificuldade está associada ao envelhecimento e aos limites físicos. Em torno do envelhecer no trabalho são elaborados sentidos sobre limitações de uma atividade que, em sua essência, implica em importante investimento físico. Conforme destaca Ribeiro (2014), o uso do corpo é central no desempenho das tarefas da atividade em questão; o corpo é a principal “ferramenta” de trabalho, mas submetido à passagem do tempo, como ilustrado na frase a seguir.

“Porque o povo quer uma ligeira, quer alguém que faça bem feito, mas seja ligeira (...) aí já vai uma pessoa depois dos 40 aí chega lá e não quer se trepar numa escada porque tem medo de cair, chega lá e não quer limpar as luzes porque não tem mais a resistência que tinha de fazer tudo, de subir escada e descer, subir e descer...você não tem mais aquela resistência (...) quando a gente vai chegando a velhice a gente vai começando a ficar com artrite, artrose, problema de coluna...” (D2).

De modo ambivalente, porém, apesar de a dimensão da idade estar presente na realização da atividade, e pelo fato concreto de as diaristas estarem entre 43 e 66 anos, elas materializam em sua narrativa significados que apontam na direção de um “empoderamento” pela atividade. Na medida em que esta exige uma contrapartida física, e em que as diaristas, pelo menos até o momento, não parecem sentir o peso definitivo da idade na realização de seu trabalho, apontam o fato de que a atividade parece as “rejuvenescer”. Não é senão outro o sentido implícito nesta declaração: [me sinto] “*mais disposta que muitas jovens por aí*” (D12).

Um último aspecto a destacar é a ruptura geracional observada no caso das diaristas aqui investigadas. Não desejam que seus filhos (especialmente, filhas) sigam pelo mesmo caminho. De fato, por se beneficiarem de melhores oportunidades de escolarização, arduamente provida pelos pais, as mulheres jovens têm buscado mais qualificação e,

consequentemente, têm se desviado do trabalho como domésticas. Esse aspecto geracional é interessante, do ponto de vista dos processos de significação, pois sinaliza que o trabalho de diarista é, em sua essência, visto como um meio de sobrevivência, uma ocupação, e não como algo a ser transmitido aos filhos – embora, no contexto brasileiro mais amplo, a ausência de oportunidades acabe convergindo para a manutenção de grande contingente de mulheres nesse tipo de atividade.

## Considerações finais

A presente pesquisa teve como objetivo compreender o processo de significação do trabalho para um conjunto de diaristas levando-se em conta a narrativa do participante construída em relação a dimensões-chaves de sua atividade. A compreensão de tal processo sustenta-se na concatenação dos núcleos de significação aqui apresentados.

Em termos gerais, foi possível identificar que a opção pelo trabalho de diarista se deu, no caso das entrevistadas deste estudo, em decorrência de três aspectos principais: falta de escolaridade, dificuldade financeira e, notadamente, influência da família. Trata-se de atividade realizada, predominantemente, por mulheres de baixa escolaridade, com faixas etárias entre o final da meia idade e velhice.

A significação do trabalho, pela via da atividade, mostra que a diarista, ao mesmo tempo em que narra o valor atribuído à autonomia e à “liberdade” de não ter de prestar serviços para apenas um empregador, denuncia as contradições ou ambiguidades de sua própria atividade, na medida em que também pontuaram para a questão da inviabilidade e da falta de reconhecimento. Ao ter muitas “patroas” pode-se, no limite, não ter nenhuma referência em termos de vinculações e reconhecimento do trabalho bem feito. Da mesma forma, ambiguidades comparecem no modo de descrever o próprio local em que a atividade se desenvolve: a casa. Esta é, a um só tempo, familiar e “estranha”; a família que acolhe é, também, a família que, consciente ou não, “patroniza”, ou seja, reproduz as relações sociais mais amplas, na qual a própria atividade de diarista é uma extensão – como dito na introdução, trata-se de atividade com resquícios da escravidão que perpassa séculos.

No plano da organização política da atividade, os resultados aqui identificados podem nos levar a concluir sobre a dificuldade de organização coletiva, no que se soma a muitos outros trabalhos que apontam para a fragilidade dos coletivos de trabalho como um elemento de adoecimento (Clot, 2008; Bendassolli, 2011). O

sentido do trabalho, estando fortemente associado à subsistência e à manutenção da família (o trabalho “bom” que emergiu em algumas entrevistas), deixa antever a dificuldade prática de articular um sistema de atividade com outros. A atividade da diarista mal consegue, quando há oportunidades para isso, “dialogar” com o micro-universo das empregadas domésticas, no que se radicaliza a solidão vivenciada pela diarista, com poucos contatos e redes inter-pares. A mudança recente da legislação, embora deva ser reconhecida como um passo no sentido da institucionalização de direitos, parece contribuir pouco para essa constelação informal em que se desenrola a atividade da diarista.

Este trabalho, embora tenha uma abrangência restrita por conta do tipo de amostragem utilizada, contribui com a literatura sobre significação no trabalho, notadamente por sua iniciativa, decerto ainda exploratória, de articular ao processo de significação o narrar sobre a atividade concreta – e, na medida do possível, com atenção aos reflexos sociais mais amplos em que se articulam dimensões com as do trabalho informal, das relações paternalistas ainda vivas na sociedade brasileira, na sua configuração da “casa” como espaço de trabalho.

## Referências

- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia ciência e profissão*, 26(2), 222-245.
- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 94(236), 299-322.
- Aguiar, W. M. J., Soares, J. R., & Machado, V. C. (2015). Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, 45(155), 56-75.
- Barros, J. P. P., Paula, L. D., Pascual, J. G., Colaço, V. D. F. R., & Ximenes, V. M. (2009). O conceito de “sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 174-181.
- Bendassolli, P. F. (2011). Mal estar no trabalho: do sofrimento ao poder de agir. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(1), 65-99.
- Bendassolli, P. F. (2012). Psicologia do trabalho como psicologia da ação: O aporte das teorias da atividade. *Psico (PUCRS. Online)*, 43(3), 341-349.
- Bendassolli, P. F., & Coelho-Lima, F. (2015). Psicologia e trabalho informal: a perspectiva dos processos de significação. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 383-393.
- Bernardino-Costa, J. (2007). *Sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil: teorias da descolonização e saberes subalternos* (Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília) Recuperado de [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2711/1/2007\\_JoazeBernardinoCosta.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2711/1/2007_JoazeBernardinoCosta.pdf)
- Brites, J. G. (2013). Trabalho Doméstico: questões, leituras e políticas. *Cadernos de Pesquisa*, 43 (149), 422-451.
- Bruschini, C & Lombardi, M. R. (2000). A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil Contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, 110, 67-104.
- Clot, Y. (2008). *Travail et pouvoir d'agir*. Paris: PUF.
- Engeström, Y. (1987). *Learning by expanding: an activity theoretical approach to developmental research*. Helsinki: Orienta-Konsultit.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Iriart, J. A. B., Oliveira, R. P. D., Xavier, S. D. S., Costa, A. M. D. S., Araújo, G. R. D., & Santana, V. S. (2008). Representações do trabalho informal e dos riscos à saúde entre trabalhadoras domésticas e trabalhadores da construção civil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(1), 165-174.
- Leontiev, A. N. (1978). *Activity, consciousness, and personality*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Monticelli, T. A. (2013). *Diaristas, afeto e escolhas: ressignificações no trabalho doméstico remunerado* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba) Recuperado de <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/31030/R-D-THAYS-ALMEIDA-MONTICELLI.pdf?sequence=1>
- Ministério do Trabalho e Emprego (2017). Classificação



Brasileira de Ocupações. Brasil. Recuperado de <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>

Prisco, T., Carvalho, C. S. & Gomes, M. M. (2013). Diaristas: “novas domésticas” em tempos de trabalho precário?, *SERV. SOC. REV.*, 15(2), 28-50.

Ribeiro, C. R. B. (2014). *Usos de si e (in)formalidade no trabalho da empregada doméstica diarista* (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte) Recuperado de [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9UHFF6/3\\_tese\\_claudia\\_ribeiro\\_final\\_protegido\\_29.06.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9UHFF6/3_tese_claudia_ribeiro_final_protegido_29.06.pdf?sequence=1)

Santos, J. K. C. (2010). *Quebrando as correntes invisíveis: uma análise crítica do trabalho doméstico no Brasil* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília) Recuperado de [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8484/1/2010\\_JudithKarineCavalcantiSantos.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8484/1/2010_JudithKarineCavalcantiSantos.pdf)

Saffioti, H. I. B. (1978). *Emprego Doméstico e Capitalismo*. Petrópolis: Vozes.

Vygotsky, L. S. (2001). Pensamento e palavra. In L. S. Vigotski. *A construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).

### Lista de Anexos

Tabela 1 - Características sócio-demográficas das participantes

Tabela 2 - Síntese dos núcleos de significação e as respectivas dimensões da atividade

Tabela 1 - Características sócio-demográficas das participantes

Diarista	Sexo	Idade	Escolaridade	Tempo como diarista	Horas trabalhadas	Dias da semana
D 1	Feminino	52 anos	até o 1º ano	19 anos	9 horas	5 dias
D 2	Feminino	44 anos	até o 5º ano	21 anos	9 horas	3 dias
D 3	Feminino	57 anos	até o 4º ano	34 anos	8 horas	2 dias
D 4	Feminino	64 anos	até o 3º ano	15 anos	8 horas	4 dias
D 5	Feminino	59 anos	até o 3º ano	14 anos	8 horas	4 dias
D 6	Feminino	58 anos	até o 3º ano	19 anos	8 horas	3 dias
D 7	Feminino	53 anos	até o 6º ano	24 anos	9 horas	4 dias
D 8	Feminino	66 anos	até o 9º ano	39 anos	8 horas	3 dias
D 9	Feminino	44 anos	até o 9º ano	22 anos	11 horas	2 dias
D 10	Feminino	55 anos	até o 2º ano	20 anos	8 horas	5 dias
D 11	Feminino	50 anos	2º grau incompleto	40 anos	8 horas	2 dias
D 12	Feminino	43 anos	até o 8º ano	20 anos	10 horas	3 dias

Tabela 2 - Síntese dos núcleos de significação e as respectivas dimensões da atividade

Núcleo de Significação	Descrição	Dimensão da atividade
NS1	Reflexões sobre a história de vida e a trajetória ocupacional das diaristas.	Sujeito Objeto
NS2	Representação e modos de ser no trabalho.	Sujeito
NS3	A relação das diaristas com os tomadores de serviço e com seus pares frente as suas responsabilidades.	Comunidade e Divisão do trabalho
NS4	Do trajeto diário as recompensas.	Objeto Resultado
NS5	As diaristas no contexto de mudanças no mundo do trabalho.	Sujeito Regras e Divisão do trabalho
NS6	Instrumentos da ação das diaristas e estratégias para realização do trabalho fim.	Ferramentas



RECEBIDO EM: 20/05/2017  
PRIMEIRA DECISÃO EDITORIAL: 11/08/2017  
VERSÃO FINAL: 15/08/2017  
APROVADO EM: 05/10/2017